

31º Encontro Anual da ANPOCS, de 22 a 26 de outubro de 2007, Caxambu, MG;

ST 35 - Vitimização: riscos objetivos e percepções do risco ou novos dados, novos movimentos.

Coordenadores: Alba Maria Zaluar (UERJ), Sergio Adorno (USP)

Vitimização e sentimento de insegurança em três municípios da RM de Goiânia

Autores: Dalva Maria Borges de Lima Dias de Souza – UFG
Francisco Chagas Evangelista Rabelo - UFG

Vitimização e sentimento de insegurança em três municípios da RM de Goiânia.

Dalva Borges de Souza – UFG-GO

Francisco Chagas Evangelista Rabelo- UFG-GO

Esta pesquisa é parte de um projeto maior sobre violência* cujos objetivos são os de examinar, em detalhe, buscando dimensionar, descrever e analisar os principais crimes cometidos em 13 municípios do Estado de Goiás, ao longo do período de dez anos, para fazer um diagnóstico e identificar tendências. Para isso estão sendo utilizadas as informações disponíveis nos órgãos oficiais de Segurança Pública, entrevistas com operadores de segurança pública, pesquisa quantitativa e qualitativa em boletins de ocorrência e em inquéritos policiais, realização de um *survey* de vitimização e sobre sentimento de insegurança.

Neste *paper* são trabalhadas as informações colhidas em três municípios da Região Metropolitana de Goiânia que têm maior integração com a capital, Aparecida de Goiânia, Senador Canedo e Trindade, os dois primeiros perfeitamente conurbados a ela e o último em fase de conurbação.

São municípios que tiveram as mais altas taxas geométricas de crescimento populacional no período de 1991 a 2000: Aparecida de Goiânia de 7,3, com população de 336.392; Senador Canedo com taxa de 9,3 e população de 53.105 e Trindade de 4,7, com 81.457 habitantes.

Nos três municípios as taxas de homicídios como indicador de violência aparecem altas e crescendo. O município de Aparecida de Goiânia apresentou a seguinte oscilação nas taxas de homicídio: 29,41 em 1998, 26,8 em 1999, 33,59 em 2000, 48,99 em 2001, e 47,35 em 2002, 36,0 em 2003, 45,7 em 2004, 36,0 em 2005 ficando, em alguns desses anos, bem acima da taxa média nacional. Senador Canedo registrou as seguintes taxas de homicídio no período: 16,62% em 1998, crescendo para 25,74 em 1999, decrescendo para 22,6 em 2000 e voltando a crescer para 31,79 em 2001 e saltando para 52,32 em 2002, caindo novamente para 16,9 em 2003 e voltando a subir para 23,6 em 2004 e registrando uma queda súbita para 8,4 em 2005, o que pode indicar problemas com os dados fornecidos pela Diretoria de Polícia Civil. Trindade figura como o terceiro município em taxa de homicídios por cem mil habitantes na Região Metropolitana de Goiânia, mas bem abaixo dos demais: 29,27 em 1998, 16,62 em 1999,

* A pesquisa conta com financiamento da FINEPE-MCTC.

17,19 em 2000, 19,94 em 2001 e 24,02 em 2002, caindo para 18,3 em 2003, mantendo o mesmo índice em 2004 e decrescendo para 16,0 em 2005. Embora essas taxas não sejam muito elevadas em comparação com municípios de outras regiões metropolitanas, mesmo aqueles do Estado de Goiás que compõem a RIDE-DF, não deixam de ser expressivas em um estado que não tinha índices expressivos de violência.

Tabela 1. Taxas de vítimas de homicídio em três municípios da Região Metropolitana de Goiânia – 1998 - 2005

Cidade	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Aparecida de Goiânia	29,41	26,8	33,59	48,99	47,35	36,0	45,7	36,0
Senador Canedo	16,62%	25,74	22,6	31,79	52,32	16,9	23,6	8,4
Trindade	29,27	16,62	17,19	19,94	24,02	18,3	18,3	16,0

Fonte dos dados: SENASP-MJ para os anos de 1998 a 2002; Diretoria da Polícia Civil-SSP-GO para os dados sobre homicídios e SEPLAN-SEPLAN-GO/SEPIN /Gerência de Estatística Socioeconômica para a projeção de população de 2001 a 2005.

Por que realizar um survey de vitimização e sentimento de insegurança em municípios que, comparados aos de outras regiões metropolitanas, não apresentam índices de homicídios, tomados como indicadores de violência, tão expressivos? Em primeiro lugar, os dados disponíveis mostram que, a despeito da oscilação, há crescimento no período. Em alguns anos da série, as taxas superam a média nacional e mesmo a média das regiões metropolitanas e são mais altas do que as da capital do estado, Goiânia. O fenômeno do crescimento desordenado e a conseqüente metropolização tem modificado a configuração das cidades brasileiras e estendido a criminalidade violenta para além das capitais e das grandes cidades. Tudo isto vem acompanhado de uma marcante diferenciação social, em que o traço mais evidente é a constituição de um contingente populacional empobrecido e a formação de uma camada média advinda da economia informal, que vem juntar-se às classes médias tradicionais. Acompanhando esse crescimento urbano, as taxas de violência têm também aumentado.

A região metropolitana de Goiânia apresentou taxa média anual de crescimento de crimes de homicídio, de 1998 a 2002, de 8,8%, a sexta maior entre as regiões metropolitanas do Brasil, o que pode significar, em curto prazo, a inserção dessa região entre as mais violentas do Brasil. A diferenciação na estrutura produtiva e do emprego

vem acompanhada de um processo de urbanização que, a partir dos anos noventa, é secundado pela violência urbana.

Em segundo lugar, é possível admitir que, mesmo antes deste processo se completar, um sentimento generalizado e difuso de insegurança é experimentado pelos habitantes das regiões metropolitanas. Cabe assim, também em populações menores, investigar a vitimização e perceber como as pessoas se sentem em relação à segurança.

O processo de mudança que tem atingido de maneira geral as sociedades contemporâneas gera uma situação classificada por alguns autores como sendo de insegurança. Assim, viver a modernidade ou a pós-modernidade seria viver sob riscos constantes gerados pelo desencaixe das instituições modernas ou, quando não, da violência no seu sentido mais estrito, o que implicaria levar em consideração a sua dimensão macro e também micro, pois o sentimento de insegurança, provocado pelos efeitos reais ou imaginários da violência urbana, difunde-se muito além das conseqüências que concretamente poderia ter. Além das experiências subjetivas de medo e pânico, cuja dimensão somente, agora, começa a ser avaliada, objetivamente se observa uma mudança na configuração do espaço urbano seja pelo predomínio de condomínios verticais e horizontais seja pela própria concepção arquitetônica das residências, onde o item segurança se coloca como prioridade. Também não é possível desconhecer o número crescente de empresas de segurança que operam por todo território nacional e, principalmente, nas grandes concentrações urbanas. Tem sido também tematizado o aumento das incivildades, pequenos delitos que permanecem impunes, mas que tem um efeito devastador no desenvolvimento do sentimento de insegurança. As pesquisas mostram que não há uma relação direta entre o grau de vitimização e o desenvolvimento do sentimento de insegurança. Os grupos que mais desenvolvem o sentimento de insegurança são, por sua vez, os que menos são atingidos pelos atos criminosos. Da mesma forma, as áreas onde os índices de violência estão mais concentrados nem sempre são as áreas nas quais a população que aí vive desenvolve mais o sentimento de insegurança.

Já é também conhecido que há um processo de descentralização da violência, acompanhando a interiorização da geração de riqueza, e em Goiás, via agro-negócio ou agroindústria. Esse quadro serviu para estabelecer relações explicativas mais adequadas entre vitimização e desenvolvimento de sentimento de insegurança. Considerou-se, como hipótese mais ampla, um novo padrão de inserção do Estado de Goiás na dinâmica econômico-social do país. A dissolução do modo de vida tradicional

predisporia indivíduos, quando não grupos inteiros a desenvolverem um sentimento de insegurança em nível de crenças e identidades pessoais ou coletivas, de tal forma que a alteração no perfil da violência faria crescer o sentimento de insegurança em relação não apenas a situações novas, mas também aos índices de criminalidade ou vitimização.

Ao construir essa perspectiva de abordagem, não podemos desconhecer que em áreas violentas desenvolve-se um sentimento de insegurança cada vez mais candente, a que se seguiria uma estigmatização quer por parte de seus habitantes quer pelos que necessitam estabelecer, com essas áreas, algum tipo de relação. Nem mesmo, desconhecer que a divulgação de índices ou atos criminosos e sua localização façam aumentar este sentimento. Foram também considerados os grupos sociais e as áreas que possam ser mais afetadas pela vitimização. Verificou-se que áreas de ocupação mais recente seriam mais sensíveis a desenvolver o sentimento de insegurança ou a serem estigmatizadas como tais. Da mesma forma, grupos que experimentaram alterações no seu modo de vida ou para os quais as alternativas de ascensão social se fecharam desenvolveram este sentimento. No Brasil, onde as atividades de segurança pública não acompanham o crescimento da violência urbana efetiva, essa dimensão poderia ser tida como fora de propósito, mas a fenomenologia do sentimento de insegurança mostra que ela é pernicioso do ponto de vista subjetivo, perverso do ponto de vista econômico e desagregadora em termos sociais, na medida em que cria um estranhamento em relação aos grupos sociais diferentes.

O *survey* realizado nesses municípios utilizou uma amostra de 400 questionários para cada um deles. O cálculo da amostra tomou a população total como base e, para distribuir a aplicação dos questionários nos bairros, utilizou a metodologia desenvolvida pelo Observatório das Metrópoles-IPPUR-UFRJ. Esta metodologia utiliza as categorias sócio-ocupacionais como princípio da distribuição das pessoas no espaço urbano. Considera que a disposição das pessoas no espaço expressa uma hierarquia, verificada a partir das categorias sócio-ocupacionais, formadas pela agregação das ocupações definidas pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). O pressuposto, encontrado na teoria de Pierre Bourdieu (1996) é que a posição do indivíduo na estrutura social - de acordo com o seu capital econômico e capital cultural - determina sua localização no espaço. O espaço considerado são as Áreas de Expansão Domiciliar (AEDs), definidas pela densidade populacional e contigüidade de setores censitários.

Com esses parâmetros, foi construída a tipologia para a Região Metropolitana de Goiânia composta dos tipos: Superior, Médio Superior, Médio, Operário, Popular, Popular Agrícola e Agrícola.

Nos três municípios aqui investigados não há uma diversidade muito grande das categorias sócio-espaciais, distribuídos pelas AEDs. Ainda assim a repartição do espaço a partir dessa metodologia foi importante para que se conhecesse melhor a população a ser pesquisada. Além disso, como a pesquisa já está sendo realizada em Goiânia e será em seguida estendida a alguns municípios da RIDE-DF, sua utilização permitirá elementos de comparação e de compreensão da estruturação urbana e

Aparecida de Goiânia, município criado em 1963, é composta pelos tipos *popular*, com predominância de trabalhadores da construção civil e trabalhadores domésticos; *operário*, trabalhadores da indústria dos setores químico, metalúrgico, alimentar, gráfico, construção civil, e *médio*, composto por prestadores de serviço e ocupações de escritório, este último distribuído em apenas duas AEDs, perfeitamente ligadas a Goiânia.

A amostra total de 400 questionários foi dividida proporcionalmente entre 10 bairros que compõem as AEDs. No tipo médio, 80 questionários: Vila Brasília e Cruzeiro do Sul; no tipo popular, 4 bairros, Setor Central, Setor Garavelo, Papillon Park, Setor Santa Luzia, com 160 questionários; no tipo operário, também 4 bairros, Cidade Livre, Jardim Tiradentes, Madre Germana, Independência das Mansões, com 160 questionários. Dentro das AEDs os bairros foram selecionados por características de uso, ocupação, localização, infra-estrutura urbana, já que em cada AED, dada a descontinuidade da ocupação do espaço, há heterogeneidade que precisa ser observada com informações qualitativas. O fenômeno da segregação urbana contribui para essa heterogeneidade na medida em que em uma mesma AED é possível encontrar condomínios fechados de luxo ao lado de bairros extremamente pobres com moradias precárias.

Aparecida de Goiânia teve um processo de ocupação desordenado e marcado pela especulação imobiliária. À medida que o parcelamento do solo na capital recebia uma legislação mais exigente, ou se tornava difícil a sua ocupação por pessoas pobres, a especulação se deslocava para Aparecida de Goiânia. Inicialmente ocupado com chácaras de recreio, o município hoje abriga um pólo industrial e empresarial, o que contribui para descaracterizá-lo como cidade-dormitório de Goiânia, como foi

considerado até o final da década de 1980. É o município que mais recebeu migrantes dos municípios da Região Metropolitana de Goiânia (60,5%).

Senador Canedo, criado em 1988, é sede de oleoduto da Petrobrás, e tem indústrias do setor alimentício, figurando como o terceiro maior município em arrecadação do ICMS do estado. Compõe uma única AED e um único tipo, o *popular*. Para selecionar os bairros onde foram aplicados os 400 questionários foi utilizada a regionalização feita pelo Plano Diretor, que dividiu a cidade em quatro regiões, e informações sobre as formas de ocupação e condições de infra-estrutura urbana. Foi selecionado na Região Central o Residencial Jardim Canedo I, ocupado há sete anos com casas amplas e presença de lotes vagos. Conjunto Jardim Sabiá, um conjunto habitacional construído pela CEF. Conjunto Uirapuru, também construído pela CEF. Jardim Todos os Santos, bairro mais antigo e tradicional e que congrega o comércio da cidade. Conjunto Morada do Morro é sede da polícia militar, onde também funciona a prefeitura. Fica no extremo Norte da região central e abriga 1.500 casas doadas pelo Governo do Estado de Goiás. Monte Azul, o bairro mais pobre da cidade, situado na periferia da região central, iniciado como área de ocupação e cujos lotes não foram ainda regularizados. Na Região do Oliveira, foram selecionados os seguintes bairros: Jardim das Oliveiras, à margem da rodovia GO-010 e Parque Alvorada, que faz divisa com um bairro populoso de Goiânia. Foi desprezada a região da Estância Vargem Bonita e Condomínio Alto da Boa Vista por ser composto predominantemente por chácaras de recreio e condomínios fechados.

Região da Vila Galvão: Conjunto Valéria Perillo construído com recursos dos governos estadual e federal com o objetivo de evitar novas ocupações urbanas em Goiânia; Vila Galvão, bairro que fica próximo aos condomínios fechados e de luxo de Goiânia, embora não haja acesso direto porque é cortado pelo Rio Meia Ponte.

Em Trindade, município criado em 1943, sede da Romaria do Divino Espírito Santo, que atrai católicos devotos de todo o país, no mês de julho, há apenas dois tipos: o *operário*, congregando o Centro, o Santuário Novo e bairros na divisa com Goiânia. Há ainda o tipo *popular agrícola* que foi desprezado, por se tratar de uma pesquisa sobre violência urbana. Foram selecionados os bairros do Centro e Santuário Novo, esses de ocupação antiga e Dona Íris I e Dona Íris II, Pontakayana, Jardim Califórnia, Jardim Maysa, Pai Eterno, Primavera e Ana Rosa, com um total de 400 questionários distribuídos proporcionalmente pela população de cada bairro. Trindade é hoje uma cidade fragmentada. De um lado, uma extensa área de ocupação recente que já

tangencia Goiânia. De outro, saltando a rodovia que a liga a Goiânia, vários bairros novos crescem. As atividades econômicas mais expressivas são confecções e indústrias de bebidas.

Um dos problemas dos dados estatísticos sobre violência é que nem todas as pessoas registram as ocorrências. Seja por descrença na efetividade da ação policial, medo de represálias ou por outros motivos. Esse fato tem incentivado as pesquisas sobre vitimização com o objetivo de chegar mais próximo do quadro real. Esta pesquisa vem se somar às inúmeras pesquisas já realizadas em outras regiões brasileiras com esses objetivos.

O questionário contém 5 páginas com questões que visam captar a vitimização, a percepção das incivildades e o sentimento de insegurança a elas associado e o impacto da vitimização no medo. Tentou perceber também a integração da vizinhança por meio de questões sobre o tempo de residência no bairro e a frequência com que conversa com os vizinhos. Na amostra levou-se em consideração a estratificação por sexo e idade. A pesquisa buscou traçar as características das vítimas, procurando identificar os segmentos da população mais vitimados por sexo, faixa etária (pessoas de 19 a 59 anos e de 60 anos e mais), condições sócio-econômicas e localização no espaço social; identificar as redes mais frequentes de vitimização; buscou também traçar um perfil dos agressores; caracterizar o contexto social do crime; a estrutura urbana e a morfologia social dos locais onde ocorrem os crimes e os lugares considerados perigosos em cada município pesquisado; identificar os temores mais frequentes da população pesquisada; identificar a forma mais frequente de propagação do sentimento de insegurança para a população pesquisada; perceber as reações e medidas tomadas pelas pessoas para evitar a vitimização e a sua percepção do local onde vivem; estabelecer a relação entre vitimização e sentimento de insegurança; perceber de que forma as vítimas se relacionam com as instituições de segurança pública e com a comunidade onde vivem.

Passando à discussão dos resultados, apresentamos abaixo a tabela que registra os índices de vitimização nos três municípios.

Tab 2 Vitimização nos três municípios

Vitimização nos três municípios											
Município	Furto	Roubo de telefone celular	Roubo de outro objeto pessoal	Roubo de veículo	Roubo na sua residência	Falso Sequestro	Agressão física	Tentativa de homicídio	Tentativa de estupro	Não foi vítima de nenhum desses atos	Total
Aparecida de Goiânia	13 3,3	13 3,3	18 4,5	5 1,3	15 3,5	1 0,3	8 2,0	1 0,3	1 0,3	322 81,1	397 100,0
Senador Canedo	15 3,9	11 2,9	11 2,9	2 0,5	15 3,9	1 0,3	7 1,8	1 0,3	1 0,3	319 83,1	384 100,0
Trindade	14 3,6	15 3,8	18 4,6	4 1,0	17 4,3	2 0,5	3 0,8	1 0,3	2 0,5	318 80,7	394 100,0

No município de Aparecida de Goiânia, em 398 questionários válidos, 80,7% dos entrevistados não foram vítimas de nenhum ato criminoso no último ano. 4,5% foram vítimas de roubo de objetos pessoais, 3,8% de roubo na residência e 3,3% foram vítimas de roubo de telefone celular, de furto e 2,0% de agressão física. No total 18,9% sofreram algum tipo de crime. Tentativas de homicídio e de estupro ocorreram em apenas 1 caso cada. Situação semelhante de vitimização ocorreu nos outros dois municípios. Em Senador Canedo, 16,9% foram vítimas de algum ato e em Trindade 19,3% repetindo-se também os tipos de atos sofridos.

Para verificar se havia vitimização repetida, a pergunta foi feita duas outras vezes. Os resultados mostraram que não há muita incidência de vitimização repetida, exceto em roubo a residência e roubo de outro objeto pessoal.

Se a vitimização não é tão expressiva, o sentimento de insegurança pode ser percebido na questão frequentemente formulada em *surveys* desse tipo.

Tab. 3 Temor de ser vítima

Do que você teme ser vítima em primeiro lugar										
Município	Roubo de telefone celular	Roubo de outro objeto pessoal	Roubo de veículo	Roubo na sua residência	Sequestro	Agressão física	Homicídio	Estupro	Não teme nenhum desses atos	Total
Aparecida de Goiânia	7 1,8	39 4,9	19 10,0	137 35,1	7 1,8	35 9,0	74 19,0	68 17,4	2 0,5	398 100,0
Senador Canedo	13 3,5	19 5,1	7 1,9	154 41,4	13 3,5	31 8,3	53 14,2	79 21,2	3 0,8	372
Trindade	18 4,5	23 5,8	36 9,1	146 36,9	17 4,3	27 6,8	56 14,1	67 16,9	6 1,5	398 99,5

Percebe-se que em todos os três municípios o que mais inspira temor é roubo na residência, com percentuais extremamente altos, especialmente em Senador Canedo. Em segundo lugar aparecem homicídio e estupro. A pesquisa constatou uma preocupação especial com crime de estupro nesta cidade, embora a incidência de estupro seja até menor do que em Trindade. Isso pode ser explicado pelo constante tráfico de caminhões que se dirigem ao Oleoduto da Petrobrás situado naquele município. Real ou não, circula nos meios de comunicação a informação divulgada pela polícia e por ONGs voltadas para programas de prevenção à violência sexual, especialmente contra crianças e adolescentes, que caminhoneiros seriam responsáveis por esse tipo de crime. Quando perguntados sobre a frequência com que ocorrem estupros no seu bairro, em Aparecida de Goiânia o percentual para ocorre frequentemente foi de 19,6%, em Senador Canedo de 15,9% e em Trindade de 5,3. Os índices de vitimização constatados na pesquisa não explicam o medo que as pessoas têm de ser vítimas. Basta verificar que a média referente ao crime que mais temem, roubo na residência, que é de 37,8%, aparece com taxas médias nos três municípios de apenas 3,9%. Há, entretanto, uma percepção de que é um tipo de crime que acontece frequentemente no bairro em que residem. O percentual médio dos entrevistados que responderam que acontece frequentemente roubos em residência no seu bairro, nos três municípios foi de 51,7%, com maior índice para Senador Canedo. Os altos índices de preocupação com homicídio podem ser justificados pelas altas taxas verificadas nos dados secundários, como demonstrado acima, nos três municípios. A percepção de tráfico de drogas como ocorrendo frequentemente no bairro variou de 70,4% para Aparecida de Goiânia a 61,7% em Senador Canedo e 55,0% em Trindade.

Quando perguntados sobre qual a sua opinião sobre a violência na cidade, se aumentou, permaneceu com estava ou diminuiu, as respostas foram as seguintes:

Tab. 4

<i>Opinião sobre a violência no município em relação ao último ano</i>			
Município	Aparecida de Goiânia	Senador Canedo	Trindade
Aumentou	229 (58,1%)	166 (43,7%)	300 (75,9%)
Permaneceu como estava	98 (24,9%)	115 (30,3%)	76 (19,2%)
Diminuiu	67 (17%)	99 (26,1%)	18 (4,6%)
	394 (100,0%)	380 (100,0%)	380 (100%)

Embora em todos os municípios haja um alto percentual de percepção de aumento da violência, os índices mais altos em Trindade podem ser explicados porque a pesquisa foi realizada três semanas após a realização da romaria e houve, neste ano, nos três dias de festa, 16 crimes de homicídio, fato que ficou registrado na memória da população.

A pergunta como você se sentiria circulando à noite sozinho no seu bairro obteve os seguintes resultados.

Tab.5

<i>Como você se sente circulando sozinho(a) no seu bairro à noite</i>			
	Aparecida de Goiânia	Senador Canedo	Trindade
Muito seguro	24 (6,1%)	54 (14,1%)	50 (12,5%)
Razoavelmente seguro	49 (12,4%)	75 (19,5%)	79(19,9%)
Um pouco seguro	103 (26,0%)	126 (32,8%)	116 (29,2%)
Muito inseguro	220 (55,6%)	120 (31,3%)	152 (38,3%)
Total	396 (100%)	375 (100%)	397 (100%)

Aparecida de Goiânia mostra os menores percentuais de segurança e os maiores de insegurança medidos por esse quesito. Esse sentimento é distribuído uniformemente pelos bairros de Aparecida.

As pesquisas sobre vitimização e sentimento de insegurança mantêm um foco sobre alguns grupos vulneráveis, como mulheres, pessoas idosas e pessoas de baixa condição sócio-econômica. Quando tentamos perceber a relação da variável sexo com o sentimento de insegurança no bairro, a partir da pergunta “como você se sente circulando sozinho(a) no seu bairro à noite”, os resultados confirmam essas pesquisas que já demonstraram que as mulheres têm maior sentimento de insegurança, embora sejam menos vitimizadas: Em Aparecida de Goiânia, 63% sentem-se muito inseguras e entre os homens o percentual é de 46,3%. Em Senador Canedo, 41,5% das mulheres sentem-se muito inseguras e os homens 20,36%. Já em Trindade, o percentual de insegurança atingido pelas mulheres é de 46,0% e o dos homens de 34,9.

Com relação à faixa etária, a maior incidência de vitimização fica na faixa dos 25 a 39 anos, seguida dos que têm 40 a 54 anos, o que se justifica porque são os que circulam mais no espaço público, devido trabalho e ao estudo. A menor incidência de vitimização é, como esperado, na faixa dos que têm acima de 60 anos, 17,0% de taxa média nos três municípios.

Em Senador Canedo, na faixa etária dos 19 a 24 anos 21% foram vítima de algum ato de violência. Os menos vitimizados foram aqueles na faixa de 55 a 59 anos, 3,8%. Em Trindade, os jovens foram também os mais vitimizados em 30,8 e 18,5% em Aparecida de Goiânia. Na faixa dos de 60 anos e mais, 17,1% em Senador Canedo, 18,4% em Trindade e 15,6% em Aparecida de Goiânia.

Sebastian Roché (1993) afirma que o sentimento de insegurança está associado ao aumento das incivildades, às novas formas de violência urbana, tais como insultos, degradação, vandalismo, comportamentos desregrados que as pessoas associam à desordem.

Todos os respondentes nesta faixa etária manifestaram algum medo, principalmente de roubo em residência, seguido de agressão física. Na faixa etária de 25 a 39 anos, 50,0% dos entrevistados afirmaram não temer nenhum desses atos. O maior temor manifestado nesta faixa etária foi roubo na residência, seguido de homicídio e estupro, Também na faixa etária de 40 a 54 anos, 50% dos entrevistados não temem ser vítima de nenhum dos atos e o maior temor manifestado foi de roubo na residência, seguido de homicídio e estupro. Entre os jovens de 19 a 24 também aparecem como os principais. Essa seqüência só muda na faixa de 55 a 59 anos, com maior prevalência para roubo na residência, seguido de agressão física e homicídio.

Tab. 6

<i>Categorias de Idade – Sente-se muito inseguro circulando sozinho(a) no seu bairro à noite</i>			
Faixa etária	Aparecida	Trindade	Senador Canedo
19-24 anos	43,1%	38,5%	24,6%
25-39 anos	53,2%	37,0%	26,6%
40-55 anos	64,2%	35,0%	40,4%
55-59 anos	53,7%	38,8%	19,2%
60 anos e mais	62,8%	51,2%	62,8%

O maior temor manifestado de andar sozinho pelo bairro à noite, considerando-se as faixas etárias, é mesmo entre os idosos, acima de 60 anos: 62,8% em Aparecida, 51,2% em Trindade e 62,8% em Senador Canedo. Embora sejam os menos vitimizados, confirmam a hipótese de que, por se tratar de um grupo vulnerável, sentem mais medo do que os mais jovens. Em Aparecida de Goiânia, entretanto, o seu percentual é um pouco menor do que o aqueles de 40 a 55 anos (64,2%).

A tentativa de verificar a correlação se havia correlação entre vitimização e estrutura ocupacional e educação, indicadores de vulnerabilidade sócio-econômica, mostrou-se infrutífera, já que esses indicadores mostram a homogeneidade sócio-econômica da população nesses municípios. Assim, se a maior parte da população entrevistada é do proletariado terciário, dos sem ocupação e do proletariado secundário e do subproletariado, o maior número de vítimas só poderia mesmo ser encontrado nessas categorias. O mesmo se verificou com o indicador escolaridade. Nos três municípios, mais de 50% da população entrevistada é analfabeta ou tem o curso fundamental incompleto.

Algumas pesquisas indicam que o nível integração social exerce um efeito positivo no sentido de amenizar o sentimento de insegurança e de medo da criminalidade. O pressuposto é de que a convivência freqüente e amistosa na vizinhança estabelece laços sociais duradouros que sedimentam relações de confiança e alimentam expectativas de que os vizinhos são capazes e tomam a iniciativa de intervir em situações críticas ou de perigo, funcionando como agentes de controle social. Assim, a integração social aliviaria o sentimento de insegurança (GIBSON, C. et al., 2002). Em nenhum dos três municípios aqui investigados o nível de integração da vizinhança, a partir da freqüência com que o entrevistado conversa com os vizinhos, mostrou correlação com o medo de circular sozinho à noite. Embora o movimento pendular – deslocamento de pessoas à capital por motivos de trabalho e estudo – seja maior em Aparecida de Goiânia e em Senador Canedo, também em Trindade a correlação foi negativa. Igualmente negativa foi a correlação nos três municípios entre a variável freqüência com que conversa com os vizinhos e a pergunta sobre se fez modificações na residência visando maior segurança.

Isso se explica por ser baixo o nível de integração da vizinhança. Em Senador Canedo, (45,3%) raramente ou nunca conversam com os vizinhos; em Aparecida de

Goiânia, (42,3%) e em Trindade, cidade mais antiga, (47,3%). Nesta última cidade, quando verificada a frequência de integração na vizinhança por bairro de aplicação do questionário, verificou-se que ela é muito forte (42,7%) apenas no centro da cidade e no bairro Pai Eterno, os dois setores mais tradicionais e de ocupação mais antiga da cidade. Nos demais, mesmo em um bairro mais distante do centro, o Jardim Califórnia, do outro lado da rodovia, que guarda ainda características de pequena cidade do interior e que não faz parte da extensão da capital em direção àquela cidade, apenas 16,9 dos entrevistados conversam com os vizinhos diariamente e frequentemente.

Nos três municípios foi verificado haver correlação entre sentimento de insegurança e incivildades. Entretanto, é necessário observar que as incivildades que atingem diretamente o indivíduo, indicadas pela percepção de que no bairro há excesso de barulho nas ruas, confusões nos pontos de ônibus, pessoas que xingam, insultam ou discutem com outras nas ruas, presença de elementos estranhos, pessoas que são mal educadas e presença de gangues têm correlação mais forte do aquelas que dizem respeito à preservação do espaço público, indicadas pela danificação danificam ou destruição de orelhões, muros, postes, janelas, iluminação pública ou sujeira nas ruas. Essa constatação nos faz refletir com pessimismo sobre a possibilidade de um “mundo comum” conforme instigado por Sebastian Roché (2006, p.104). Se os indivíduos sentem-se mais incomodados com os atos que - apesar de comportamentos incivis públicos, que dizem respeito à ordem pública - atingem diretamente o seu espaço privado ou dizem respeito aos seus direitos individuais, à sua pessoa, é pouco provável que reajam a elas manifestando exercício de cidadania.

Isso nos leva à tentativa de perceber o que as pessoas consideram como um lugar perigoso. Em Aparecida de Goiânia, 26,9% disseram que um lugar perigoso é onde há a ocorrência de atos e crimes violentos e 23,3% onde há a presença de pessoas suspeitas, perigosas, estranhas. A presença de traficantes e usuários de drogas foi apontada por 16,1%. Como esta questão foi aberta e categorizada posteriormente, a primeira resposta era muitas vezes acompanhada da nomeação de um bairro contíguo ao seu, mas considerado mais periférico, onde o acesso aos bens públicos é mais rarefeito. Quando a mesma pergunta era repetida para captar uma segunda opção, a duas respostas mais frequentes eram as mesmas, com ordem invertida de frequência.

Em Trindade, 22,4% consideram um local perigoso onde há a presença de pessoas suspeitas, perigosas, estranhas. Aqui também se repetia a nomeação de bairros periféricos onde os respondentes consideram que é forte a presença dessas pessoas. Em

segundo lugar, é considerado um local perigoso onde há a presença de traficantes e de usuários de drogas (21,9%) e em terceiro lugar (20,7%) as precárias condições de infraestrutura urbana. Na questão repetida, a presença do tráfico e uso de drogas aparece em primeiro (27,8%), seguida da presença de pessoas suspeitas, perigosas, estranhas (23,7%).

Já em Senador Canedo, 35,4% consideram que um lugar perigoso é aquele onde não há policiamento; 27,3% pelas condições precárias de infra-estrutura urbana e 16,1% pela presença de pessoas suspeitas, perigosas, estranhas. As respostas à repetição da pergunta mantiveram as três opções, aumentando o percentual sobre as condições do local e da presença de pessoas suspeitas e fez diminuir a preocupação com falta de policiamento.

Esses resultados invocam a percepção da sociedade contemporânea como sociedade de risco. (Beck, 2003). Lianos e Douglas (2000), na mesma linha, mas com a preocupação com os ambientes sócio-técnicos automatizados, consideram que o acesso automatizado que temos na sociedade contemporânea substituiu a confiança pessoal que os indivíduos tinham em relação aos outros (e as normas). A sensibilidade em relação ao risco seria o efeito colateral dessas novas formas de regulação social. Consideram que, nesta sociedade, o registro central da interação social é o risco, não o crime ou desvio. A partir da idéia de que a sensibilidade à ameaça é culturalmente construída, elaboram o conceito de *dangerization*, como a tendência de perceber e analisar o mundo por meio de categorias de ameaça. Segundo os autores

Dangerization concerns all areas of experience in contemporary societies as a direct repercussion of the dominance of institutional action over collective social interaction. (...) But it also applies to the social world as a tendency to continuously scan and assess public and private spaces in terms of potential threats by other people. In an era where the dominant, democratic, civil society imposes its highly institutionalized, formally egalitarian model of social coexistence, difference and otherness can only be established in terms of dangerousness. Where atomized individuals mostly exist in each other's world as employees or users of institutions, new distinctive signs of social stratification have to be invented. (LIANOS AND DOUGLAS, 2000, p. 267-8).

De acordo com os autores, as pessoas deixam de lado as condições objetivas que poderiam caracterizar o perigo e fazem a transposição dos fundamentos tradicionais de preconceito para as novas bases legitimadoras do perigo. Distinguem assim aqueles de quem podemos nos aproximar daqueles que devem ser afastados do nosso convívio. A busca por segurança e o medo do crime, mais do que a violência objetiva, criam o diferente, uma nova classe baixa, a partir da visibilidade da diferença no lugar da

diferença por ela mesma. O outro que deve ser evitado é aquele que não vive no mesmo bairro, que não tem acesso às mesmas instituições e não exhibe os mesmos sinais exteriores de aparência.

Os resultados aqui encontrados confirmam esta tese. Ficou manifesta na pesquisa a tendência de atribuir a violência a um outro imaginário, estereotipado como estranho, suspeito, perigoso, “mala”, os mais pobres, os habitantes da periferia. E, na fala dos entrevistados, a periferia nunca é o lugar onde a própria pessoa mora, pois ela representa sempre um lugar mais periférico. Isso ficou muito evidente em Senador Canedo quando a equipe, após completar a aplicação dos questionários em bairro, se deslocou a outro contíguo, Parque Alvorada e Jardim das Oliveiras. No primeiro, o lugar perigoso era o Jardim das Oliveiras e neste, o Parque Alvorada. Na semana seguinte, o mesmo se repetiu em Aparecida de Goiânia e, posteriormente, em Trindade. Em Aparecida os bairros periféricos eram considerados aqueles mais distantes da capital e em Trindade, cuja conurbação ainda está incompleta, os bairros mais próximos a Goiânia, para onde transbordou a população pobre da capital, constituíam a periferia da cidade. Essa representação lembra uma constatação feita por estudiosos da categoria *sertão* de que, para os habitantes do interior do Brasil, o sertão está sempre além do lugar onde vivem.

A pesquisa procurou então perceber quais as medidas as pessoas consideravam adequadas para melhorar a segurança, com questões que pediam que respondessem se concordavam ou discordavam de algumas frases. Os resultados da concordância estão dispostos na tabela abaixo.

Se o sentimento de insegurança, a despeito de baixos índices de vitimização, leva as pessoas a estigmatizarem pessoas e lugares que imaginam essas pessoas habitam, as respostas confirmaram isso e apontam para medidas punitivas, de reclusão, de reclusão ao domínio domiciliar e privado. O sentimento de insegurança tem estimulado o apelo da população a medidas cada vez mais rigorosas de punição, conforme verificado por vários pesquisadores. (Wacquant, 2001; Caldeira 2000; Adorno, 2002).

Os percentuais dos que consideram que a Segurança Pública tem sido eficaz no combate à violência variam de 36,9% em Trindade, 37,9% em Aparecida de Goiânia a 45,3% em Senador Canedo. Nos três municípios, entretanto, melhor policiamento aparece com os percentuais mais altos de concordância para combater a criminalidade. A percepção da população dos três municípios é de que o policiamento dos seus bairros

não é suficiente ou adequado, ou gostariam de ter maior ostensividade na ação da polícia.

A contratação de firmas de vigilância privada, recurso amplamente utilizado pelas classes médias e alta apareceu com percentuais em torno de 43% nos três municípios, o que chega a ser significativo para pessoas que não dispõem de recursos para tal. O mesmo ocorre com a colocação de cercas elétricas, grades, muros nos bairros, em torno de 50%.

Penas mais rigorosas são reclamadas por 75,3% em Senador Canedo, 81,2% em Trindade e 83,2% em Aparecida de Goiânia. A redução da maioria penal encontra índices semelhantes e igualmente altos nos três municípios. A pena de morte como instrumento para melhorar a segurança alcançou índices que variaram de 47,7% em Trindade, 47,9% em Senador Canedo e 52,1% em Aparecida de Goiânia. Esses índices estão abaixo dos encontrados em diversas pesquisas de opinião realizadas nas grandes cidades do Brasil, o que é um fator extremamente positivo e, possivelmente, seja devido à ainda forte religiosidade da população de estados como o de Goiás. Entretanto, na aplicação dos questionários havia sempre alguma relutância do entrevistado em responder a esta questão. Algumas pessoas que respondiam afirmativamente chegavam até mesmo a invocar a opinião contrária dos seus padres e pastores, para depois discordarem dela.

Evitar locais afastados de onde mora como medida para se sentir seguro obteve percentuais de 57,3% em Senador Canedo, 65,1% em Trindade e 67,0% em Aparecida de Goiânia. Esses percentuais confirmam o sugerido acima sobre a reclusão e a retração à esfera da família e do espaço privado, conforme sugerido por Roché (op. cit, p.165 et passim). Essa constatação é confirmada pelo alto índice de respostas concordantes com a afirmação de que evitar locais públicos e contato com estranhos é uma forma de se sentir seguro. Este percentual obteve índices nos três municípios menores apenas das variáveis já analisadas, melhor policiamento e redução da maioria penal. Retomamos aqui a idéia de *dangerization* que atribuí ao outro desconhecido e estereotipado e ao local onde ele mora os perigos que colocam as pessoas em risco. Esse talvez seja o perigo maior para a convivência pública e democrática e que pode aumentar a concordância com sugestões cada vez mais punitivas e radicais - como a pena de morte - e ilusórias para dar segurança às pessoas.

Por fim, resta observar o altíssimo percentual de concordância com a afirmação: ninguém está seguro em lugar nenhum. Obteve 90,2% em Aparecida de Goiânia, 85,4%

em Senador Canedo e 85,7% em Trindade. Chegamos aqui ao ápice do sentimento de insegurança, ou ao que Roché chamou de esvaecimento:

“ S'évanouir est une manière de rompre une relation avec lê réel lorsqu'elle devient insupportable. On peut s'évanouir au sens propre: tomber par terre inanimé – dison-le, cette forme est le plus rare. L'évanouissement lê plus courant est de nature intellectuelle. Il consiste à refuser de voir les manifestations et les cause du phénomène dérangeant.”
(Roché, op. cit., p. 164)

Assim nos sentimos na sociedade de risco e é necessário romper com essa imobilidade intelectual para que o sentimento de insegurança não destrua as liberdades civis, a possibilidade de convivência no espaço público e até mesmo o sentido de existir no mundo.

Tab. 7

Concordância com medidas para melhorar a segurança – freqüências e percentuais nos três municípios										
Município	Penas mais rigorosas	Pena de morte	Redução maioridade penal	Evitar locais públicos/contato com estranhos	Evitar locais afastados de onde mora	Contratar vigilância privada	A segurança pública tem sido eficaz	Alarmes, cercas elétricas, grades, muros nos bairros	Melhor policiamento	Ninguém está seguro em lugar nenhum
Aparecida de Goiânia	323 81,2%	207 52,1%	344 86,4%	292 74,7%	266 67,0%	174 43,7%	151 37,9%	199 50%	377 94,7%	359 90,2%
Senador Canedo	289 75,3%	184 47,9%	331 86,2%	290 75,5%	220 57,3%	166 43,2%	174 45,3%	203 52,9%	358 93,2%	328 85,4%
Trindade	328 82,4%	190 47,7%	342 85,9%	304 76,4%	259 65,1%	173 43,5%	147 36,9%	207 52,0	379 95,2%	341 85,7%

Casos válidos: Aparecida de Goiânia – 398; Senador Canedo – 384; Trindade - 398

Bibliografia

- ADORNO, Sérgio. Monopólio Estatal da Violência na Sociedade Brasileira . In: MICELI (org.) *O que ler na ciência social brasileira*. 1970-2002. São Paulo: . ANPOCS: Ed. Sumaré; Brasília, DF: CAPES, 2002.
- BECK, Ulrich. *Risk Society*. Malden, MA: Blackwell Publishers, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas. Sobre a Teoria da Ação*. São Paulo: Papirus Editora, 1996.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros*. Crime, segregação e cidadania
Criminology, vol. 37 no. 2, 1997, 224-241.
Delinquency, vol. 33 no. 1, Jan 1987, 135-154.
deviance”. *British Journal of Criminology*.40, 261-278.
Ed. Unesp, 1995.
em São Paulo. São Paulo: Edusp/editora 34, 2000
- GIBSON, C., ZHAO, J., LOVRICH, N., & GAFFNEHY, M. (2002). Social integration,
GIDDENS, Anthony, BECK, Ulrich, LASH, Scott. *Modernização Reflexiva*. São Paulo:
individual perceptions of collective efficacy and fear of crime in three cities.
- JOHNSON, S.D., BOWERS, KI. And HIRSCHFIELD, A. “New insights into the
Justice Quarterly, 19, 537-564.
- LIANOS, Micalis and DOUGLAS, Mary. (2000), “Dangerization and the end of
MACHADO, Luis Antônio. *Sociabilidade violenta: por uma interpretação da
criminalidade contemporânea no Brasil urbano*. In: *Sociedade e Estado*, vol.
- Observatório das Metrôpoles. *Instruções sobre a Construção da Tipologia
Sócio-espacial*. Luiz César de Queiroz Ribeiro – Coordenação
Nacional; Eduardo Rodrigues da Silva – Núcleo Goiânia Marcelo
Gomes Ribeiro – Núcleo Goiânia; Rosetta Mammarella – Núcleo
Porto Alegre; Tanya Barcellos – Núcleo Porto Alegre; Mirian
Regina Koch – Núcleo Porto Alegre. Rio de Janeiro: 2006.
- ROCHÉ, Sebastian. *La société incivile. Qu'est-ce l'insécurité?* Paris: Senil, 1996.
- SKOGAN, Wesley G. (1987) “The impact of victimization on fear”. *Crime &
spatial and temporal distribution of repeat victimization*. *British Journal of*
- WACQUANT, Loïc. *Os Condenados da Cidade: estudos sobre marginalidade
avançada*. Rio de Janeiro: Revan; FASE, 2001.
- WARR, Mark. “Fear of Rape among Urban Women”. *Social Problems*, vol. 32, no. 3.